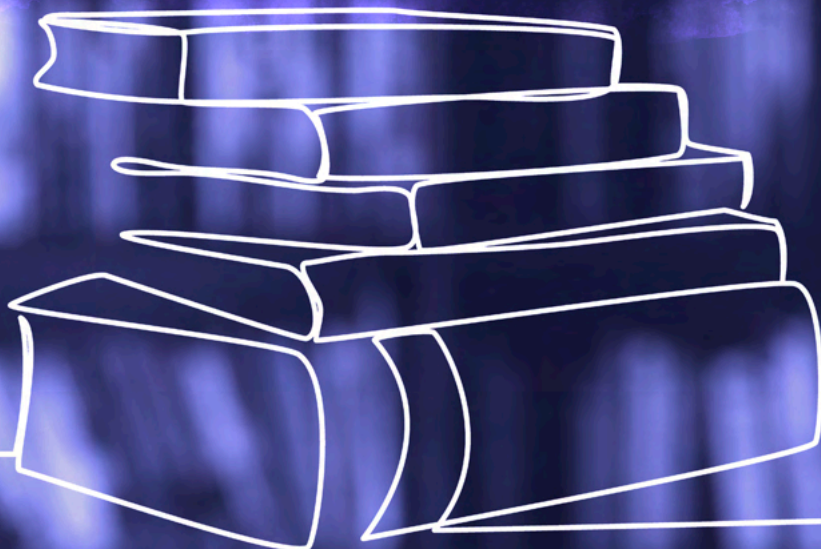


Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos

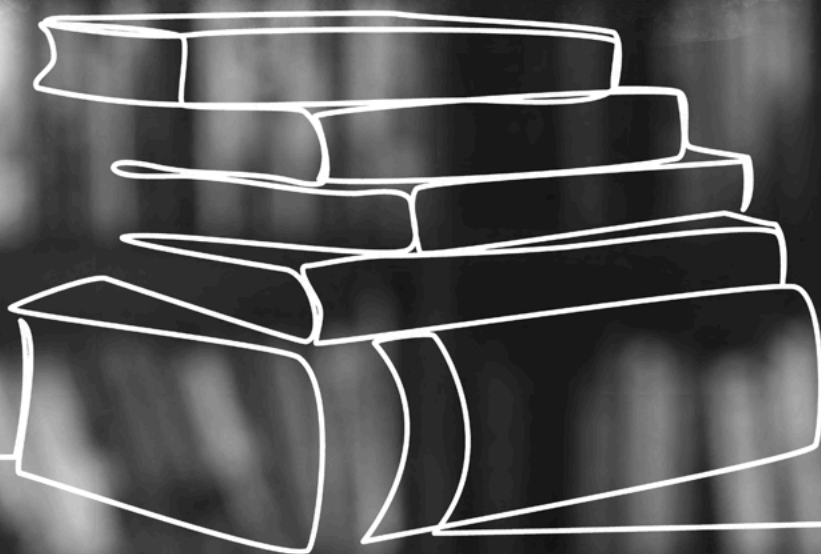


Atena
Editora
Ano 2022

Jadilson Marinho da Silva
(Organizador)

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Literatura: imaginação e seus dispositivos

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Jadilson Marinho da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L776 Literatura: imaginação e seus dispositivos / Organizador
Jadilson Marinho da Silva. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0673-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.730221609>

1. Literatura. I. Silva, Jadilson Marinho da
(Organizador). II. Título.

CDD 801

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

No capítulo 1, Maria Eduarda Ribeiro e Susana Souto Silva, a partir da análise de poemas de Bruna Beber e Carla Diacov, abordam questões relativas à complexa relação existente entre corpo e memória. Nesse contexto, como afirmam as autoras: Beber, retomando a memória do cotidiano, da cidade, de um corpo que se (des) faz nas malhas da memória de modo, quase sempre, irônico. Diacov experimenta, em sua escrita, uma radical experimentação do corpo feminino, ao usar o sangue menstrual como tinta para elaborar desenhos que acompanham muitos dos seus poemas, estabelecendo um diálogo interartes. Ambas desafiam a nossa leitura, a nossa memória e afetam as percepções que temos de poesia, corpo e memória.

No capítulo 2, Daiane de Souza Alves Mauricio aborda o tema “*Casas de Pedra, em Nova Veneza-SC: um lugar de memória enlaçado de tempo e de eternidade evocados pelo imaginário*”. A pesquisadora reflete sobre a história das Casas de Pedra do Nono Luigi Bratti, em Nova Veneza – SC, bem como sobre os objetos que nela se encontram e a marca que tais objetos e edificações deixou nas pessoas entrevistadas neste estudo, tendo como referencial as memórias revisitadas, percebemos que os relatos são marcados pelas fortes presenças do pai, da família e do trabalho.







No capítulo 3, Cassiano José dos Santos aborda o tema “*Odisseia, Eneida e Ramayana: épicos imprescindíveis*”. Nesse estudo, o autor apresenta o conceito de identidade contido nas epopeias nacionais. Tal problemática tem o intuito de identificar os elementos literários, mitológicos, culturais e artísticos contidos em algumas obras com ênfase em tópicos de convergência significativos e simbólicos.

No capítulo 4, Cláudia Miranda da Silva Moura Franco, Solange Correia de Lima e Claudia Nigro fazem uma análise crítico-interpretativa entre literatura, memória e acontecimento histórico no romance *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage. Nesse sentido, elas procuram estabelecer relações da narrativa com os elementos factuais que engendram o período da ditadura militar no Brasil.

No capítulo 5, Sandra Elizabeth Silva de Barros analisar a relação entre o cachorro e o homem no filme *Paterson* de Jim Jarmusch.

No capítulo 6, Wcleverson Batista Silva busca estudar e compreender as diversas influências e importação provinda do além-mar no campo da historiografia literária e educacional assim como a forte relação de favor entre os primeiros institucionalizadores deste sistema.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A MEMÓRIA DO CORPO REINVENTADA NA POESIA DE BRUNA BEBER E CARLA DIACOV	
Maria Eduarda Ribeiro Susana Souto Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216091	
CAPÍTULO 2	16
CASAS DE PEDRA, EM NOVA VENEZA-SC: UM LUGAR DE MEMÓRIA ENLAÇADO DE TEMPO E DE ETERNIDADE EVOCADOS PELO IMAGINÁRIO	
Daiane de Souza Alves Mauricio	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216092	
CAPÍTULO 3	26
ODISSEIA, ENEIDA E RAMAYANA: ÉPICOS IMPRESCINDÍVEIS	
Cassiano José dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216093	
CAPÍTULO 4	45
AUSÊNCIA E ESQUECIMENTO: A TORTURA DO CORPO FÊMEO EM <i>O CORPO INTERMINÁVEL, DE CLAUDIA LAGE</i>	
Claudia Miranda da Silva Moura Franco Solange Correia de Lima Claudia Maria Ceneviva Nigro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216094	
CAPÍTULO 5	55
A COLEIRA HUMANA NO FILME PATERSON	
Sandra Elizabeth Silva de Barros	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216095	
CAPÍTULO 6	68
AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO COMO IMPORTAÇÃO EUROPEIA	
Wcleverson Batista Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.7302216096	
SOBRE O ORGANIZADOR	86
ÍNDICE REMISSIVO	87

CAPÍTULO 4

AUSÊNCIA E ESQUECIMENTO: A TORTURA DO CORPO FÊMEO EM *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE

Data de aceite: 01/09/2022

Data de submissão: 09/08/2022

Claudia Miranda da Silva Moura Franco

Doutoranda em Estudos Literários UNESP –
IBILCE
São José do Rio Preto – SP
<http://lattes.cnpq.br/1106554710917993>

Solange Correia de Lima

Ms. UNEMAT
Sinop – MT
<http://lattes.cnpq.br/2996570632007644>

Claudia Maria Ceneviva Nigro

Professora Dra. UNESP – IBILCE
São José do Rio Preto - SP
<http://lattes.cnpq.br/5980841495163205>

RESUMO: Este estudo constitui uma análise crítico-interpretativa entre literatura, memória e acontecimento histórico no romance *O corpo interminável* (2019), de Claudia Lage, no qual procuramos estabelecer relações da narrativa com os elementos factuais que engendram o período da ditadura militar no Brasil. Para tanto, buscamos investigar a incorporação da história pelo texto ficcional, tendo como recorte o período da ditadura no Brasil (1964 -1985), e dentro dele, os meios violentos de manutenção do poder e seu exercício sobre os corpos femininos, estendendo os sentidos tanto da violência moral quanto física à tortura do corpo como a marca mais íntima de violação.

PALAVRAS-CHAVE: História; Memória; Mulher;

Tortura; violência.

ABSENCE AND OBLIVION: THE TORTURE OF THE FEMALE BODY IN *O CORPO INTERMINÁVEL*, DE CLAUDIA LAGE

ABSTRACT: This study constitutes a critical-interpretative analysis between literature, memory and historical event in the novel *O corpo interminável* (2019), by Claudia Lage, in which we seek to establish relationships between the narrative and the factual elements that engender the period of the military dictatorship in Brasil. In order to do so, we seek to investigate the incorporation of history into the fictional text, taking as a cut the period of the dictatorship in Brazil (1964 -1985), and within it, the violent means of maintaining power and its exercise over female bodies, extending the meanings from both moral and physical violence to the torture of the body as the most intimate mark of rape.

KEYWORDS: History; Memory; Women; Torture; Violence.

1 | INTRODUÇÃO

O entendimento oferecido pela crítica francesa Tiphaine Samoyault (2008, p. 21-22) reconhece na intertextualidade o processo de conhecimento necessário para compreensão da literatura e sua ligação com os fatos históricos. A crítica assegura que todas as palavras se abrem “às palavras do outro; assim o texto literário abre sem cessar, o diálogo da literatura

com sua própria história”.

A narrativa de ficção, configurada histórico-literariamente, nos permite realizar observações sobre o regime de exceção existente no Brasil, a ditadura cívico-militar, e a partir dessa ressalva, interpretar as fenomenologias acerca desse período como um desafio a ser esclarecido, haja vista a parca memória social sobre o regime totalitário no país. A ação vai na contramão do processo de apagamento da experiência traumática e obscura desse tempo, busca revirar o baú da história estudada, considerando a existência da visão binária que a sustenta, porém, por meio de uma visada não hegemônica, observar possibilidades de ultrapassar o ponto de vista tradicional do período histórico da Ditadura no intuito de construir novos instrumentos teóricos de interpretação das relações históricas e a literatura.

O Corpo Interminável (2019), da jornalista e roteirista Claudia Lage, aborda, por meio da ficção, a repressão, a violência e os meios de manutenção do poder no regime ditatorial. A narrativa constrói o enredo em torno dos desdobramentos socioculturais desencadeados pela Ditadura. A ficção como mimesis, se aproxima da história contada como fato, a que nos foi transmitida como “verdade” por um longo tempo; no entanto, ao observá-la enquanto escrita que se relaciona com acontecimentos, percebe-se um conjunto de possibilidades teórico-literárias que permitem analisar, por meio da escrita ficcional, as entranhas da historicidade como “estudo das relações de fato” (SAMOYAULT, 2008, p. 119).

2 | A MEMÓRIA

“Tu não és matéria estática, és movimento. Tu deságuas nos outros, e os outros desaguam em ti.” “O Rito” (1969), filme de Ingmar Bergman

A literatura tem por artifício a capacidade de manifestar por meio da ficção assuntos complexos, difíceis de serem mencionados, e por essa particularidade, quando se refere à barbárie, seu comportamento de raízes críticas e reflexivas proporcionam uma visão além do senso comum quando se trata dos fenômenos histórico sociais.

Antonio Candido (2011, p. 240) já dizia que uma de suas funções é humanizar, essa função humanizadora é capaz de interferir e até mesmo proporcionar um andamento no equilíbrio social, já que ela pode “organizar o caos que há dentro do homem” e por consequência confirmar o homem na sua humanidade. Em tempos de barbárie, quando o homem, o ser social, vem experimentado vários episódios de irracionalidade, a literatura proporciona dialeticamente, a possibilidade de vasculhar os arquivos de memória não lembrados, talvez, pelo desafio de sentir outra vez, ou sentir de vez, a dor da tortura praticada nos corpos fêmeos, uma tortura adaptada ao machismo como projeção do desejo de domínio desses corpos.

As complexidades existentes entre Literatura e História implicam no trabalho de buscar no passado tensões e representações que, quando trazidas à contemporaneidade,

fomentam os estudos que entrelaçam memória e História. Os acontecimentos enquanto experiências, quando desprendidos da ideia de fato, saltam das contingências históricas, como necessidade de elaborar estratégias legitimadoras para a revisão das estruturas binárias, e firmam nesse espaço o projeto histórico literário que, por sua vez, se aproxima mais da “verdade” que a própria história.

Para Hutcheon (1991, p. 120-122) o projeto histórico literário não reside nos “acontecimentos em si, mas nos sistemas que transformam esses acontecimentos passados em fatos históricos presentes, como um reconhecimento da função de produção de sentido nos constructos humanos”. Assim realiza os movimentos simultâneos de reinserir o contexto como significante e problematizar “toda a noção de conhecimento histórico” que conhecemos.

Os elementos circunstanciais funcionam como material para jogo entre o factual e o ficcional, acontecimentos históricos e cotidianos são apropriados pelo processo criativo da narrativa de ficção. Nesse sentido, tudo se ficcionaliza em forma de recurso estético e suscita deslocamentos de significados, estes tão vários que se tornam capazes de questionar o senso comum, preconceitos e verdades que se querem cristalizados e instituídos.

O Sentido de história mencionado nesse tópico está inserido na ideia de Bergson (1990) quanto à lembrança, na qual o passado “sobrevive de duas formas distintas: 1) em mecanismos motores; 2) em lembranças independentes”. Com isso, a operação prática da experiência passada para a ação presente, deve realizar de duas maneiras. Ora se fará na própria ação, e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ora implicará um trabalho do espírito, que irá buscar no passado, para dirigir ao presente, as representações mais capazes de se inserirem na situação atual. (BERGSON, 1990, p. 59-60).

A tomada de consciência das imagens (mundo real) e a percepção (mundo imaginário) articulam a memória como receptora, nela circulam passado e presente, como receptáculo das lembranças que, por sua vez, abrigam as histórias das quais a criação literária se alimenta e extrai delas as abstrações. O discurso histórico oficial carece de uma proposta transgressora, questionadora, que possa fazer “emergir através das rasuras do discurso oficial e da memória legitimada as memórias subterrâneas constantemente silenciadas e apagadas da História” (BOCAIUVA, 2014, p. 11).

A obra *O corpo interminável* (2019) revive essa memória tomando o corpo feminino e a violência por ele sofrida. A chave da leitura é uma imagem: “A imagem é de uma mulher, o corpo nu, o corpo morto de uma mulher” (LAGE, 2019, p. 121). Esse corpo é narrado por ele mesmo logo no início da narrativa: “Estou sozinha e levanto o braço, o braço levantado, o resto do corpo imóvel” (LAGE, 2019, p. 13), é um corpo interminável, seu desaparecimento, sua história velada fazem desse corpo fêmeo o limiar da história, é ele quem deixa pistas memoriais, para que não se esqueça, e para que não se esqueçam dele, há vestígios por toda parte, pistas capazes de alterar o fluxo da história como conhecemos.

Para Ricoeur (2007) “nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos sua lembrança”:

A própria historiografia, digamo-lo desde já, não conseguirá remover a convicção, sempre criticada e sempre reafirmada, de que o referente último da memória continua sendo o passado, independentemente do que possa significar a preteridade do passado. (RICOEUR, 2007, p. 26)

A memória no romance de Lage (2019) é a célula da criação estética, não se trata, porém de uma história específica, mas da (re)construção de várias mulheres envolvidas na luta ativa contra a ditadura militar e o alisamento dessa participação nos arquivos oficiais da história. Essa construção ficcional alicerçada na retomada da memória permite reflexões sobre os anos de chumbo no Brasil:

Porque não se pode esquecer o que foi perpetrado, é preciso render tributo àqueles que lutaram pela utopia de um país justo e mais democrático. O sentido desse trabalho de elaboração do passado deve visar fornecer “instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente”, conforme escrever Jeanne-Marie Ganebin (2006, p. 103), a partir de Adorno. Ao rememorar as vítimas, a arte suscita a reflexão, na esperança de que não ocorram novas catástrofes. (FIGUEIREDO, 2017, p. 35).

Como escrita memorialística, a história resgata a violência contra o corpo feminino e se aproxima da realidade dos relatos de guerrilheiras desse período rompendo a ideia de uma falsa violência e revelando verdades capazes de irromper com a alienação coletiva que temos contemplado. Para Sennett (2003): “em uma sociedade ou ordem política que enaltece genericamente “o corpo”, corre-se o risco de negar as necessidades dos corpos que não se adequam ao paradigma”. (SENNETT, 2003, p. 22).

A realidade histórica do período ditatorial que fundamenta a narrativa do *Corpo Interminável* (LAGE, 2019) permite a compreensão de uma literatura não apenas ligada à imaginação, mas, sim, de aproximação com elementos factuais, afirmação que se justifica, por exemplo, nos relatos de guerrilheiras no documentário Torre das Donzelas¹ (2018) de Susanna Lira, no qual, no tentame de resgatar da memória toda experiência vivida naquela época, apresenta a presidenta Dilma Rousseff e sua ex-companheiras narram a violência e a tortura à que foram submetidas.

A revisão desse período histórico aliado à efetiva participação da mulher permite observar, por meio do estudo estético, a recuperação de um espaço que, por muito tempo, sofreu um apagamento dessa memória, como assegura Cristovão Tezza:

Toda escrita é um ato de representação, e não a coisa em si, e de certa forma a linguagem escrita apenas duplica (ou tenta fixar) a mesma qualidade

¹ Participaram do documentário: Ana Bursztyn-Miranda, Ana Maria Aratangy, Ana Mércia, Darci Miyaki, a ex-presidenta Dilma Rousseff, Dulce Maia, Elza Lobo, Eva Teresa Skazufka, Guida Amaral, Guiomar Silva Lopes, Iara Glória Areias Prado, Ieda Akselrud Seixas, Ilda Martins da Silva, Janice Theodoro da Silva, Leane Ferreira de Almeida, Lenira Machado, Leslie Beloque, Lucia Sálvia Coelho, Marlene Soccas, Maria Aparecida Costa, Maria Aparecida dos Santos, Maria Luiza Belloque, Nadja Leite, Nair Benedicto, Nair Yumiko Kobashi, Rita Sipahi, Rioco Kayano, Rose Nogueira, Robêni Baptista da Costa, Sirlene Bendazzoli, Telinha Pimenta, Vilma Barban, dentre outras, todas ex presas políticas opositoras ao regime militar.

representativa que já estava na linguagem oral, em cada palavra pronunciada. (...) O que impressiona na escrita é que sua intervenção – que é fátua e volátil quando ao simples sabor da voz – permanece, acrescenta-se ao objeto representado e ali fica. Quem quer que toque novamente o objeto tocará o objeto e mais o que dele já disseram. (TEZZA, 2018, p. 52).

Na contramão do discurso hegemônico, o discurso da participação feminina nas guerrilhas, é emancipador, pois resgata memórias do trauma e das ações permanentemente apagadas da experiência e ação da mulher nesse período, bem como a preservação de elementos identitários e a memória de uma época. Para Ricoeur (2007, p. 101) “o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si”, sua ideia se ancora no efeito do esquecimento como agente detonador da memória e da história, logo, a literatura poder ser o veículo pelo qual a memória social se reaviva, conhecendo o horror e a violência desse período como experiência estética.

3 | CORPOS: DE AUSÊNCIAS E DISTÂNCIAS

Quanto à presença de elementos culturais e históricos, ativados pela memória que se revela viva dentro da obra literária que sustenta este estudo, observa-se o modo de apropriação da ficção de elementos factuais e seu desdobramento em reflexividade crítica; como (re)tomada da consciência social, a narrativa permitirá o retorno ao tempo vivido, e assim conhecer a situação histórica do período que compreende a ditadura militar no Brasil por meio dos vestígios do corpo da mulher. Em *O corpo interminável* (2019), a narrativa é delineada pelo fio da memória: a memória da mãe guerrilheira desaparecida, do filho que “tenta reconstruir a história da mãe”, uma filha que pelos vestígios de passado também tenta reconstituir sua própria história, Daniel e Melina são protagonista da busca de preenchimento de ausências, de desaparecimentos, de histórias intermináveis.

A violência contra o corpo, exercida pelos instrumentos de poder tergiversam com passado e contemporaneidade, revelam que conceitos como dor, violência, corpo, morte e Ditadura continuam presentes na história do país, naturalizados nas/pelas esferas de poder. A violência e a violação do corpo nas formas mais dilacerantes (LAGE, 2019, p. 72), são narradas por Lage ao longo do texto, onde Melina e outras personagens femininas ganham intensidade e peculiaridades entre “sangue e leite”, as histórias se entrecruzam e se aproximam da realidade factual pelos vestígios de realidade que a ficção propõe. Talvez o ápice da violência sofrida pelo corpo fêmeo esteja contido na narração da página 172 que descreve com detalhes o rito de violência e morte:

O último corte que sentiu foi abaixo da axila, próximo aos seios. O mais doloroso foi na barriga, na altura do fígado, foi esse que a matou. Colocaram uma arma em sua mão, atiraram em seu corpo, mas ela não sentiu. Depois que constatarem a sua morte levaram o seu corpo para uma sala. Na sala havia uma cama pequena e ali o puseram, alguém veio e observou os ferimentos. Alguém veio e limpou o sangue espalhado pela pele. Alguém veio e mexeu

na posição dos braços, cabeça, pés. Alguém veio e passou pó bege nos ferimentos à faca. Alguém veio e arrumou novamente os braços, cabeça, pés. Alguém veio e fez anotações num caderno. Alguém veio e não fechou os olhos. Alguém veio e tirou uma foto. (LAGE, 2019, p. 172).

O apagamento do corpo torturado inicia-se ainda na sala de tortura, esse corpo/imagem, que aparece deixando seus vestígios logo no início da obra, o próprio corpo não tem certeza de si, se vive ou se morre, se delira. A busca pelas memórias da mãe, que durante a narrativa dialoga, deixando rastros de si, mexe com a consciência do que é existir, já que toda a narrativa fala dessa ausência e dessa distância entre o real e o ficcional, entre a memória e a história.

O ato narrativo tem uma relação privilegiada com a experiência humana e essa experiência não pode ser reduzida ao tempo cronológico; aqui surge a confluência entre tempo cronológico e tempo histórico. A História torna-se então uma ciência de conhecimento e, por essa essência epistêmica, explica enquanto narra. (REIS, 2012, p. 20). A visão aparentemente simplista, conduz à busca por compreender como se deu a relação entre história e as narrativas literárias consideradas como romances históricos.

Os conteúdos latentes presente no conhecimento histórico compõem os arquivos de memória. Tais arquivos não podem ser apagados (por mais que intentem), pois a memória é um mecanismo vivo e tem como qualidade essencial a noção de temporalidade. Para o filósofo Paul Ricoeur (2012) em *Tempo e Narrativa* – tomo I, as narrativas ficcionais podem ser veículos de projeção do mundo real e tornar “acessível a experiência humana do tempo, o tempo só se torna humano através da narrativa”. (RICOEUR, 1994, p. 12).

A reflexão de Ricoeur (1994, p. 14-16) incide sobre a narrativa histórica aludindo o tempo vivido (experiência) e a construção narrativa (consciência). Essa perspectiva se ancora na História como ciência onde confluem e fomentam a análise historiográfica do tempo vivido ancorado na narrativa ficcional. Ricoeur (1994, p. 36) sugere que “é na própria passagem, no trânsito, que é preciso buscar ao mesmo tempo a multiplicidade do presente e seu dilaceramento”.

O dilaceramento proposto pelo filósofo pode se ancorar no “estilo aporético”, a dúvida como ferramenta de reflexão, por ser inconclusiva, aplicada à atividade narrativa. Para identificar a relação entre o narrar e a temporalidade ele se vale da comparação estabelecida entre *As Confissões de Santo Agostinho* (1994, p. 19 – 30) e a leitura da *Poética de Aristóteles* (1994, p. 55-76): “A escolha desses dois autores tem uma dupla justificação. Propõem duas entradas independentes no círculo do nosso problema: um pelo lado dos paradoxos do tempo, o outro pelo lado da organização inteligível da narrativa” (1994, p. 16).

Assim estabelece o estudo das *Confissões* e da *Poética* em um ponto em comum para o propósito do estudo da narrativa: o primeiro inquire sobre a natureza do tempo, o outro, sem considerar as implicações temporais, deixa assim a “discordância concordante”

da temporalidade no fazer narrativo. A reflexão, um tanto complexa, incide na compreensão do tempo como algo que foi: relativizamos o tempo a seu caráter cronológico, e, tomando para si os dizeres de Agostinho, Ricoeur afirma: “o presente do passado é a memória” (1994, p. 28).

Sobre *O Corpo Interminável*, novas e velhas trilhas de relações de poder sobre o corpo se encontra no estigma e nos acontecimentos passados; ele é atravessado por relações de poder/saber submerso nos processos histórico e culturais, pois “sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados” (FOUCAULT, 1992, p. 22).

A violência sobre um período tão vergonhoso para a história brasileira, vem à tona quando se abrem os caminhos da memória pela leitura de *O Corpo Interminável*. Por esse motivo surge a necessidade de se abordar o tema como forma de desconstrução de alguns aspectos significativos que ainda permeiam o imaginário sobre a ditadura militar. Em Julia Kristeva (1982) e Judith Butler (2003) temos a ideia de corpos abjetos (os excessos do corpo, expelidos e descartados: fezes, urina, vômito, lágrimas, saliva), que se assemelham aos relatos de tortura ficcionalizados por Lage (2019):

O dia inteiro, suor, sujeira, cimento, fedor. O lugar e o corpo como como um só organismo. (2019, p. 91 - 92)

“Quando o médico veio, não deixaram dar anestesia. Ela sentiu o corte a sangue frio, a sangue quente. E de repente, o vazio. Ouviu o choro do seu bebê. Ouviu o próprio grito. Fechavam sua barriga, a sangue frio. (2019, p. 93)

Trata-se daqueles corpos que, por não serem reconhecidos por outros, pode vir a ter sua humanidade anulada e não reconhecida, motivo pelo qual, se insere na ideia de corpos que “servem como exterior constitutivo daquilo que é delimitado como humano, formam o campo do abjeto, do inumano, daquilo que fora excluído, negado, e que tende à morte.” Esse corpo assim representado é marginalizado, violentado, estigmatizado e negligenciado.

É a violência interminável contra o corpo, exercida pelos instrumentos de poder que tergiversam com passado e contemporaneidade e revelam que terminologias como dor; violência; corpo; morte e Ditadura continuam presentes na história do país naturalizadas nas esferas de poder. Essa agressão ao corpo, possui força e representatividade pois além da matéria orgânica, o corpo concebe individualidade no seu significado, como se o corpo aos moldes do que afirma Foucault (1999, p. 65) “produziu e reproduziu a verdade do crime”, e por esse motivo mereça ser cruelmente castigado.

Partindo dessa premissa, a literatura permitirá compreender as noções de corte, como quebra de limites previamente fixados, que permitiram o entrecruzamento das instâncias discursivas com a territorialidade literária e a releitura de pressupostos críticos presentes na história oficial.

4 | CONCLUSÃO

Amparados na ideia Tezza (2018) quanto a escrita que acrescenta ao objeto representado novas qualidades simbólicas e ainda considerando a historicidade da narrativa como possibilidade de expressão que favorece a compreensão de fenômenos sociais senão por meio da linguagem literária, entende-se que a narrativa permite a compreensão da ficção, da identidade e do real, num conjunto em que o discurso literário se aproxima de relatos nos quais a violência contra o corpo da mulher, que surge nu, sujo, sangrando, em um jogo entre oculto e exposto, como um processo de violência, o cerceamento e as interseccionalidades contra o corpo feminino como políticas de um processo inacabável.

As ponderações de Ricoeur (1994 e 2007) que, alude o tempo e a construção narrativa como uma perspectiva que se ancora na história e fomentam a análise historiográfica e quanto “a memória, a história e o esquecimento”, realiza reflexões sobre essas fases do procedimento historiográfico. Ao nos debruçar sobre a construção literária em diálogo com a ditadura brasileira, encontramos amparo nos pressupostos de Eurídice Figueiredo (2017), quando assevera que: “toda obra de arte que contribua para a reflexão sobre os anos de chumbo no Brasil tem um enorme valor porque não se pode esquecer o que foi perpetrado, é preciso render tributo àqueles que lutaram pela utopia de um país justo e mais democrático” e ainda “O sentido desse trabalho de elaboração do passado deve visar fornecer “instrumentos de análise para melhor esclarecer o presente” (FIGUEIREDO, 2017, p. 35).

Nas conjecturas de Jeanne-Marie Gagnebin (2006, p. 103), que afirma: ao rememorar as vítimas, a arte suscita a reflexão, na esperança de que não ocorram novas catástrofes: “devemos lembrar o passado, sim; mas não lembrar por lembrar, numa espécie de culto ao passado”, mas como análise esclarecedora. Consideramos que a narrativa concebida pelo viés histórico e literário permite ao olhar contemporâneo sobre os regimes de exceção no Brasil, observar o evento traumático da ditadura e seus desdobramentos e assim compreender as fenomenologias acerca desse período que nunca foi restrito ao passado.

Ao nos debruçar sobre a construção literária e dialogar com o período histórico da ditadura brasileira compreendemos que reflexões sobre os anos ditatoriais apresentam importância porque não se pode esquecer o que foi perpetrado. Nesse sentido, o estudo buscou revisitar o papel da mulher que sempre esteve presente nos movimentos de contestação e mobilizações ao longo da nossa história, e no período da Ditadura não foi diferente: resistiram e se organizaram, desafiaram o papel feminino tradicional: pegaram em armas, na tentativa de derrubar o regime militar. Foram reprimidas, estupradas e mortas.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos". 3ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

AUERBACH, E. **A cicatriz de Ulisses**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 1-20.

BARBERENA, Ricardo Araújo. **Limiar entre os estudos Culturais e os Estudos Literários** em Geografias Globalizadas. UFRGS: 2015. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/download/31184/19359>. Acesso em 30.05.22.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – evitando confusões. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o Espírito. Trad. Paulo Neves. - 2- ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRANCO, Marta Roque. Ficção e história: aporias, gênero e vestígios em um romance periférico. Repositório Institucional UNESP. São José do Rio Preto, SP. 2018. Disponível em <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/180297> 07. jun. 2022.

COMPAGNON, A. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. 2.ed. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

DURÃO, Fabio Akcelrud. **Metodologia da pesquisa em literatura**. 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: LETRAS, 2017.

FIGUEIREDO, Eurídice. História Literária e Crítica Feminista: Figurações das Mulheres. In **Memórias da Borborema 3: Feminismo, estudos de gênero e homoerotismo**. Antônio de Pádua Dias da Silva (Org.). Campina Grande: Abralic, 2014.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Ed. H34, 2006

LAGE, Claudia. **O corpo interminável**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

LUKÁCS, György. **Teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

REIS, José Carlos. 2006. **Tempo, História E Compreensão Narrativa Em Paul Ricoeur**. Locus: Revista De História 12 (1). <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20634>.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução de Alain François (*et al*). Campinas: Editora da UNICAMP, 2014.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: Tomo I. Tradução de Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus: 1994.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SENNETT, Richard. 1943. Carne e pedra. Tradução de Marcos Aarão Reis: 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SUMIYA, Cleia da Rocha. O romance histórico no Brasil: um breve panorama da produção ficcional. **Letrônica**, v. 9, n. 1, p. 150-164, 6. Maio. 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/22049> Acesso em 12 jun. 2022.

TEZZA, Cristovão. **Literatura à Margem**. Porto Alegre: Dublinense, 2018.

TORRE das donzelas. 2018. Brasil. Direção de Susanna Lira. Documentário. Dur. 97min.

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bruna Beber 1, 2, 3, 4, 5, 6, 14

C

Carla Diacov 1, 2, 7, 8, 9, 11, 13, 14

Casas de Pedra 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24

Corpo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 20, 35, 38, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53

E

Eneida 26, 27, 28, 32, 33, 35, 36, 41, 42, 43, 44

Epopéia 26, 29, 32

H

História 4, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 24, 25, 27, 30, 31, 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 64, 66, 69, 71, 72, 73, 75, 82, 84, 85

I

Identidade 26, 27, 28, 42, 43, 44, 52

Imaginário 8, 16, 21, 27, 28, 47, 51

M

Memória 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 25, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54

Mulher 9, 11, 12, 13, 14, 29, 33, 36, 38, 40, 41, 45, 47, 48, 49, 52, 58, 59, 74

O

Objetos 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25

Odisseia 26, 27, 28, 29, 34, 37, 40, 42, 43, 44

P

Poesia 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 13, 14, 55, 56, 65, 66, 67

R

Ramayana 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

S

Sensibilidades 16

T

Tortura 45, 46, 48, 50, 51

V

Violência 12, 13, 14, 28, 45, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 56, 59

🌐 www.atenaeditora.com.br

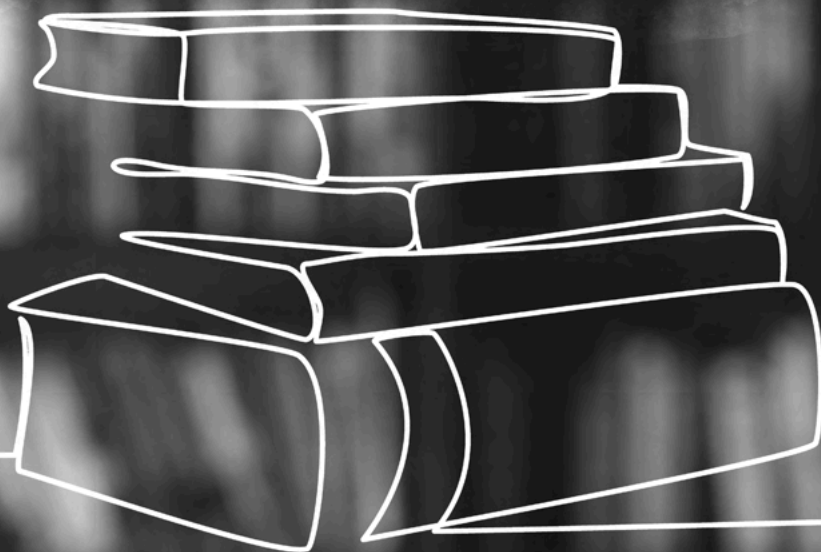
✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos



🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Literatura:

Imaginação e seus dispositivos

